

***Da fantasia de infância ao infantil na fantasia*, de Ana Laura Prates, pela Editora Larvatus Prodeo, 2022**

Viviana S. Venosa

Em que um livro cujo subtítulo é *a direção do tratamento na psicanálise com crianças* poderia interessar a um praticante da psicanálise que não atende criança? Parto dessa questão, posta aqui de forma simplória para, paradoxalmente, abordar a complexidade do livro *Da fantasia de infância ao infantil na fantasia*, de Ana Laura Prates, pela Editora Larvatus Prodeo (2022).

De saída, podemos atestar a grande envergadura teórico-clínica que o livro abarca. E, tanto na apresentação de Antonio Quinet, que sugere que haveria um subtítulo implícito no trabalho: “De uma questão preliminar a todo tratamento possível de crianças pelo discurso psicanalítico”, quanto no prefácio (à edição argentina) de Pablo Peusner, que retoma a consigna lacaniana de “não recuar frente às crianças” (menos conhecida que a posterior, correlata às psicoses), bem como ao adentrar o texto, constatamos que pensar o tratamento de crianças na psicanálise permite lançar e relançar — ao menos aos psicanalistas que não têm a alma pequena — a pergunta sobre a posição do analista. Isso posto, uma vez que nos perguntamos sobre a especificidade do tratamento de crianças na psicanálise, é incontornável nos perguntarmos sobre a escuta psicanalítica. O eixo “criança-adulto” é abordado trazendo com nitidez as tensões históricas da epistemologia do nosso campo e as proposições da autora, apoiada na literatura e na sua prática.

E qual o chute inicial que produz esse escrito? O encontro, o percurso e a interrupção (do primeiro trecho) de uma análise com um garotinho, que tinha 7 anos quando chegou. Um pequeno goleiro, Zetti, que se queixava de “ter algo incomodando”. A autora considera que a interrupção e a retomada, anos mais tarde, da análise pelo garoto teve algo que concerne à formalização e à construção de um caso clínico, próprias à psicanálise:

Início este trabalho com a construção de um caso clínico que me provocou inúmeras questões durante vários anos. Esse caso, que cheguei considerar um fracasso — devido ao modo abrupto e desajeitado como foi interrompido — pôde ser retomado anos mais tarde, em momento distinto da minha formação analítica, graças a um traço transferencial que restou.

O momento de reinício dessa análise permitiu a atualização das indagações suspensas quando da interrupção anterior.

Criou-se, deste modo, a oportunidade para que eu pudesse, *a posteriori*, construí-lo do modo como será aqui apresentado. (Prates, 2022, p. 18)

Se, por um lado, pensar a posição do psicanalista no atendimento de crianças nos relança a pensarmos sobre a escuta psicanalítica, por outro lado, também nos remete à pergunta sobre a existência de alguma especificidade no tratamento de crianças. E, se houver, qual será? Já que, também, o livro vai circunscrever o campo da prática psicanalítica que trata desses seres humanos que caem sob o conjunto “criança”.

Entretanto, desde o título do livro, a autora anuncia que é do infantil que se trata. O infantil abordado é precisamente aquilo que “há de fundamental na neurose e que não vai se desenvolver”. Assim, da “infância” ao “infantil” existe uma passagem que permite interrogar os impasses da *direção de tratamento na psicanálise de crianças* — que, inclusive, é o subtítulo do livro.

A epígrafe da seção *A lógica da fantasia: da infância ao infantil* — “... não existe gente grande” (Lacan, 1968/1967, p. 367) — antecipa a posição da autora, explicitada no trecho:

(...) os problemas enfrentados na direção do tratamento psicanalítico com crianças decorrem da sobreposição entre criança e sujeito e da valorização da infância como fase da vida em detrimento da conceitualização de infantil como lugar.

(...) evidenciar que, a partir da obra de Jacques Lacan, pode-se propor uma clínica com crianças que seja norteadada pelos conceitos de sujeito do inconsciente, tempo lógico e estrutura clínica. Nesse sentido, pretendo, inicialmente, ressaltar a importância da posição de Rosine e Robert Lefort, qual seja: de que não há especificidade na orientação da clínica psicanalítica com crianças, já que a psicanálise não opera com uma distinção rígida entre adulto e criança como categorias pré-existentes. (Prates, 2022, p. 30)

É em torno do eixo vertical da concepção estrutura de linguagem, sujeito e da noção de temporalidade no campo lacaniano, junto com os problemas históricos na diacronia da produção discursiva da “infância” no laço social, que discorrerá o texto do livro.

No capítulo “A construção de uma fantasia de infância”, Ana Prates lembra que “criança” é uma construção histórica e que os seres humanos que caem sob esse conjunto também sofrem e ocupam um lugar nas cidades dos discursos. De forma

que, no capítulo “O tratamento psicanalítico com crianças: direções”, ela percorre os mais importantes debates sobre o assunto em nosso campo, apresentando autores e autoras como Anna Freud, Melanie Klein, Donald Winnicott, Françoise Dolto, Maud Manoni, Lacan, Rosine e Robert Lefort. Até, finalmente, chegar ao capítulo em que a pergunta sobre o que separa a criança do adulto coloca-se.

Nesse momento, o texto verticaliza mais ainda e abre a envergadura epistêmica da psicanálise lacaniana. É versando sobre a constituição do sujeito que podemos, junto com a autora, atravessar o fato de direito: que aquilo da neurose que não se desenvolve nem se desenvolverá, mas que também vem junto com as narrativas da infância de cada um, vai, nas voltas de uma análise, indicar o infantil tratado em cada percurso psicanalítico — independentemente da idade cronológica. Somente isso, e não é pouco, já basta para indicar essa leitura do livro a qualquer psicanalista.

O livro interessa precisamente porque permite que o leitor relance as questões sobre desenvolvimento, narrativas da infância, constituição do sujeito e — é claro — a escuta psicanalítica. Escuta que não é qualquer uma, na medida em que é feita de atenção flutuante. Mas não se encerra aí, pois causar o desejo de analista e trabalhar na direção de extrair a diferença radical, é árduo e nem um pouco intuitivo.

Se cada psicanalista vai reinventar a psicanálise, apoiado nas produções que o antecederam, mas também promovendo avanços no campo, posso dizer que Ana Laura Prates muito contribui com a generosidade e o rigor pelos quais ela compartilha sua produção. Isso, pois, é notável que o que sustenta este produto é a formação do psicanalista: clínica & teoria como estando imbricados em sua apresentação moebiana. Portanto, o ensino e a transmissão se precipitam aí, para que possamos tirar proveito, sendo “psicanalistas de crianças” ou não. Mais ainda, apenas e tão somente, psicanalista ocupados com as formações do inconsciente.

Referência bibliográfica

Lacan, J. Alocução sobre as psicoses da criança. In J. Lacan. *Outros escritos* (p. 367). Rio de Janeiro: Zahar.

Recebido: 01/07/2022

Aprovado: 15/07/2022